

Bandeirantes do século XX

A Marcha Para o Oeste - A epopéia da expedição Roncador - Xingu - Livro de Orlando Villas Boas e Cláudio Villas Boas, 615 páginas, Editora Globo.

LOURENÇO FRAGUAS

A conquista do Oeste brasileiro não se deu com carroções, cavalaria, cobiça e massacre de índios, como ocorreu nos Estados Unidos. Aqui ela foi feita com pouco sangue, muito suor, temura e solidariedade com os indígenas.

Foi uma avançada espetacular pelos sertões do Brasil Central, a partir de Uberlândia. Como verdadeiros bandeirantes do Século XX a serviço do Governo Federal, três irmãos lideraram 18 expedicionários recrutados nos garimpos, locais tidos como sem lei e ordem.

Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Boas viriam tempos mais tarde a se tornarem verdadeiras lendas vivas dessa expedição, denominada em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, *Expedição Roncador - Xingu*. Sua missão: entrar em contato com os "brancos" de nossas cartas geográficas no Brasil Central, com vistas à sua colonização.

Contabilidade - Eles foram muito mais longe. Nessa empreitada, deixaram no rastro da expedição 1.600 quilômetros de picadas, feitas a facão, machado e enxada. E tudo a pé. Orlando, no caso, só andava descalço.

No roteiro da marcha, 43 vilas e cidades foram criadas e 19 aeroportos construídos, sendo que quatro se tornaram bases militares e pontos de apoio para rotas internacionais.

Orlando e Cláudio chegaram a passar fome, esperando a chegada de alimentos por tropeiros ou pelo Correio Aéreo Nacional, o célebre CAN

De tudo, no entanto, foi o contato e a pacificação de mais de cinco mil índios das mais diversas tribos do Xingu que mais sobressaem na magnífica expedição.

Para contar tamanha façanha Orlando e Cláudio reuniram suas anotações ao longo dos 43 anos que ficaram entre os índios para presentear os leitores ávidos de aventuras com a monumental obra *A Marcha para o Oeste - A epopéia da expedição Roncador - Xingu*, da Editora Globo.



Sacrifício - Hoje com 82 anos, Orlando constata: "Entramos nessa aventura moços e saímos velhos". Ele tem razão. Ao partirem numa sacolejante "jardineira" de Uberlândia rumo ao rio Araguaia, esses filhos de classe média paulista levavam os 27 anos de Orlando, 29 de Cláudio e 19 de Leonardo.

Esse último não viveu muito para conferir a merecida glória. Leonardo morreu em 1961, aos 43 anos, vítima de uma miocardite reumática. Orlando Villas Boas não hesita em apontar o clima adverso da região e as duras condições de trabalho como os responsáveis pela morte prematura do irmão.

Para quem lê o livro, e quem pegá-lo dificilmente largará, são estardalosas as narrativas de Orlando e Cláudio de como passavam dias e noites sobre fortes tempo-

rais em ambientes infestados por toda sorte de insetos, notadamente muriçocas, sob um calor infernal. Ninguém sai impune de um lugar desses. Onças, cobras e xavantes bravios dão o toque final.

Não é a toa que Orlando e Cláudio contabilizaram um saldo de 200 malárias para cada um. A vida era realmente dura. Chegaram a passar fome, esperando a chegada de alimentos por tropeiros ou pelo Correio Aéreo Nacional, o célebre CAN e o principal elo entre a vanguarda da expedição e a civilização.

Fome - No vale do rio Kuluene chegaram a ficar 17 dias sem comer nada O cardápio, às vezes, não podia ser mais estranho: tamarandá-mirim ou anta e mel. Tomavam ainda o que chamavam de "chá de quaque fôia", uma infusão intragável.

A chegada de uma tropa colocou o acampamento em polvorosa. Ao vê-la de longe um dos peões debilitado pela fome gritou para os companheiros: "Assunta minha gênú, tá chegado o diabo do feijão. Vô cumê que nem carajá, e dispois deitá de barriga pra baixo!".

A decepção não poderia ter sido pior. Nos alforjes dos tropeiros havia apenas dois litros de comprimidos de sal iodado e um pouco de banha. Mais problemas: o rádio em pane.

O livro está recheado de tiradas engraçadas. Logo no início, quando são explicadas as razões da Expedição Roncador-

Xingu, os autores contam como conseguiram patrocínio para a missão com os paulistas.

Humor - Tá lá: Sinhá Junqueira, dona de um império agrícola em Ribeirão Preto, doou 90 mil litros de álcool-motor; a São Paulo Alpargatas deu 2 mil metros de lona; a Armour e Swift doaram perto de 30 mil galões de corned-beef e a Cia Antártica cedeu, para manter o alto

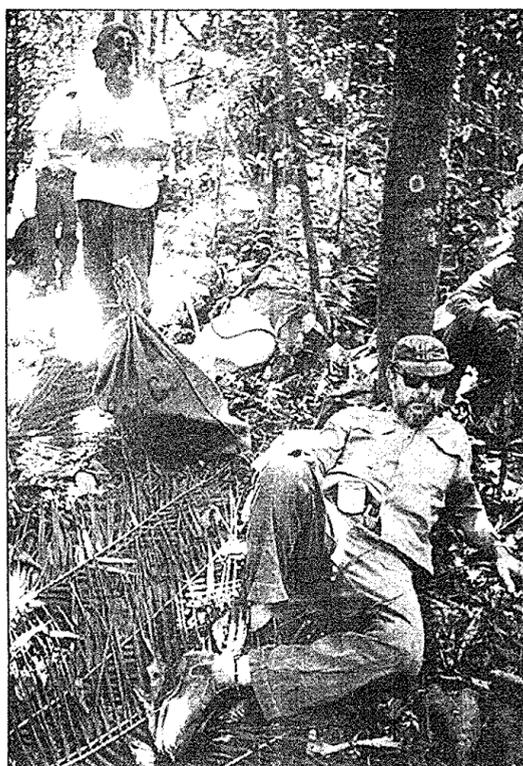
ânimo expedicionário, alguns milhares de litros de "incentivo".

O problema é que quando o "incentivo" chegou ao fim muita gente abandonou a expedição. Nos oito grossos cadernos onde está registrado o dia-a-dia da vanguarda expedicionária histórias de cantoria, folclore e assédio de índios iam sendo acumuladas. Havia ainda o lado

cívico em pleno sertão. Os irmãos Villas Boas, funcionários então da Fundação Brasil Central, criada exclusivamente para coordenar o projeto de interiorização do Brasil, estabeleceram como praxe o hasteamento da Bandeira Nacional aos domingos, além de pequena preleção aos sertanejos sobre alguma data nacional importante.

No dia 21 de abril de 1943 lá estavam eles homenageando Tiradentes. Fizeram uma pequena dissertação sobre o líder da Inconfidência Mineira e ouviram um dos trabalhadores, um baiano, censurar Tiradentes.

Tiradentes - Para ele, bom mesmo era o Honorino, dentista da Barra do Garças. E à guisa de maiores detalhes perguntou: "Esprica que é qui esse dentista queria cos



Os irmãos Villas Boas, na Amazônia desde os anos 40, estudaram aspectos da vida indígena que a maioria dos brasileiros só conhecia das páginas dos livros de História



reis?". Recebeu a devida explicação dos Villas Boas e replicou:

"Eta cabra influído. Eu conheço um dentista na Barra do Garça, mais êsse é carmo, é o seo Honorino".

É claro que o humor é apenas um detalhe no livro, que não tem também nenhum compromisso com a literatura. O relato é às vezes seco, burocrático até. Eles registram as visitas de autoridades, cientistas e da imprensa nacional e internacional com certa imparcialidade, mas sem deixar de manifestar simpatias.

Depois do primeiro contato com os índios calapalos, no início da expedição, os acampamentos que vão instalando ao longo da trilha viram objetos de curiosidade das várias tribos. A chegada e saída dos aviões são um espetáculo à parte. Os cerimoniais índios também emocionam.

Para os índios doentes são enviados médicos da retaguarda, baseada em Xavantina e Kuluene. A primeira em Goiás e a outra já em território matogrossense. Eles também registram uma grande preocupação com o meio ambiente, apesar das constantes caçadas de veados, antas, pacas e macacos.

Importância - *A Marcha Para o Oeste* é um livro de suma importância para entender nosso sertão e seus povos e, sem dúvida, deveria ser leitura obrigatória nas escolas. Um dos pontos falhos da edição é não constar nela um mapa para orientar o leitor sobre o avanço desses bandeirantes do nosso século.

O livro é prefaciado por nada mais nada menos do que Antonio Houaiss, Darcy Ribeiro, Antonio Callado e Maureen Bisilliat. Todos, de alguma forma, são conhecedores do Xingu e dos Villas Boas. Callado, que escreveu *Quarup*, cerimônia dos mortos entre os índios, nunca esqueceu o Parque do Xingu.

Sobre o que o parque representa para nossa cultura e sobre os irmãos Villas Boas ele escreve: "O Parque Indígena do Xingu é para onde viajo quando o Brasil exagera." É com um Brasil melhor que os irmãos Villas Boas também ainda sonham.

ENTREVISTA/ ORLANDO VILLAS BOAS

"Índio é um pobre abandonado pelo poder central"

Conversar com o velho sertanista Orlando Villas Boas é voltar no tempo, ao pé do fogo, num acampamento qualquer no sertão brasileiro para ouvir revelações saborosas.

Como hoje sua idade, 82 anos, não permite mais idas ao sertão, o jeito foi contentar-se com um bate-papo pelo telefone em sua casa em São Paulo. Ao Correio Braziliense ele revelou algumas curiosidades sobre a Expedição Roncador - Xingu.

O livro, que na primeira edição esgotou rapidamente seus 3 mil exemplares, está saindo agora em segunda edição com uma tiragem de 5 mil, segundo a Editora Globo.

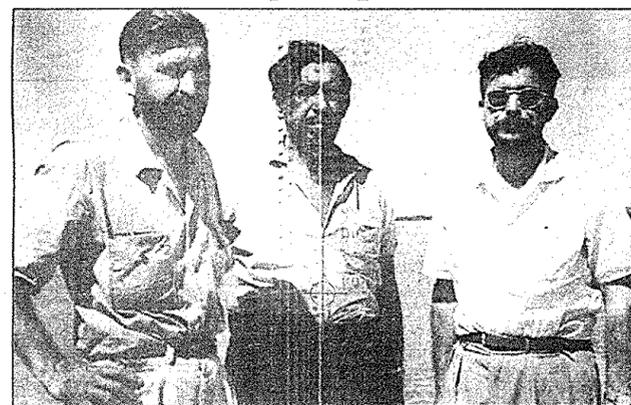
O que vocês pretendem fazer com o material que sobrou de *A Marcha para o Oeste*?

Tudo que não coube nessa edição aproveitaremos para um novo livro que se chamará *Almanaque do Sertão*. Aí vamos contar histórias engraçadas, mostrar cartas que recebemos de pessoas importantes, histórias de índios etc. As editoras Globo e Saraiva estão interessadas nisso.

Existe o interesse de alguma editora estrangeira na obra de vocês?

Está na minha mão um contrato da editora francesa Terre Humaine, de Paris, para fazer um livro sobre nossa obra. Eles querem pegar nosso livro, conversar com a gente e produzir um outro sobre nós que será traduzido para várias línguas. Vou aceitar, mas antes quero ouvir um especialista no assunto.

Como o senhor explica a presença de três irmãos, filhos da classe média,



Leonardo (dir.) morreu por causa das condições adversas da região

envolvidos numa aventura desse porte e no meio de garimpeiros tidos como perigosos?

No começo da expedição eramos nós três e mais 18 sertanejos recrutados nos garimpos. Eles eram chamados os homens sem lei do Brasil Central. Indivíduos que não tinham o menor apego à sua vida e nem à vida dos outros. No entanto, no convívio com eles vimos que tinham uma ética extraordinária e um respeito muito grande por nós.

Fale da questão do índio no Brasil de hoje.

O índio é um pobre abandonado pelo poder central, embora a Funai tenha todas as prerrogativas para desenvolver assistência a ele. Mas ela está sendo abandonada, o que não poderia acontecer. Acho que com Fernando Henrique Cardoso na presidência a coisa vai melhorar. Ele é sociólogo e vai entender que temos uma dívida a pagar aos índios.

Há uma foto famosa feita no Xingu, na qual o fundador dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, aparece num tomando banho num rio. O senhor estava no Xingu nessa época?

Na época que a foto foi feita pelo fotógrafo da *Última Hora*, do Rio, a mando do Samuel Wainer, eu estava também tomando banho no rio ao lado dele e de um índio. Quando o fotógrafo da revista *O Cruzeiro* foi alertá-lo sobre o fato ele disse: "O que você quer que eu faça. Que eu tome banho de casa?"

E a questão sexual, como era resolvida num acampamento só de homens? As índias se sentiam ameaçadas?

Levamos um vida de presidiários. Eu ainda ia a Brasília de vez em quando. Mas acho que a vida corrida e o cansaço do trabalho ajudavam os homens a esquecer isso. Mas se alguém olhasse atravessado para uma índia, o Cláudio ficava uma fera e era respeitado.

TRECHOS

"O funeral do cacique foi emocionante. Desde o momento de sua morte a aldeia perdeu o seu ar tranquilo.

Só um índio, notamos, permaneceu indiferente: Maiuri, o feiticeiro da aldeia. Izarari foi enterrado com todos os seus objetos de uso, desde o mais simples: o aviãozinho de latão, o colar de unha de onça, o facão, a sua esteirinha cheia de enfeites de pena, tudo que lhe pertencia, como acontece com os caciques. Havíamos dado a Izarari havia algum tempo uma bandeira nacional. Ele, quando lhe dava na cabeça, hasteava na aldeia tal como fazemos no acampamento. A bandeira era sua e daí terem envolvido com ela seu corpo (...) Ficamos sabendo que muito breve, passados os primeiros dias, Maiuri seria sacrificado."

"Um Jogo no Xingu é mais ou menos assim:

— Cinco de cada lado tá bom. Océ joga de golero, océ de diantero, océ na retranca. Véio Feli, océ joga aí memo no gor. — Baiano! — grita um — tira o revolve pra joga; qui océ jogue de facão ainda vá lá, mas de revolve num tá certo.

Terminadas as observações iniciais, começa o jogo: — Passa a bola! Fecha! Istore pra riba dela! Océ assim não vae Mané; océ ricua que nem catitu! — Ai — grita Elias — ja dei duas vez com o gargalo do dedão num toquinho acolá.

— Tire essa peia, moço. Océ vai indo bem e de repente destroce.

O jogo continua mais bruto, e o falatório não pára.

— Avança rapais, num fiquei aí qui nem corujão cos óio parado em riba da bola.

— Corre, — grita outro. Táí gruvinhado qui nem pioto di cobra e não arriba o pé nem nada."